



Por que ler ‘Desler Lacan’?
Why read ‘Desler Lacan’?
 Roseli Gimenes¹

RESENHA

GOLDENBERG, Ricardo. *Desler Lacan*. 2. ed. São Paulo: Instituto Langage, 2019. 336 p.

Fonte: Autora

RESUMO: A resenha aponta uma poética leitura da obra *Desler Lacan*, de Ricardo Goldenberg (2019), buscando evidenciar as marcas da linguagem do autor nas configurações estéticas do corpo de leitura, da paginação, da coloração e da construção significativa da obra; enfim, de apontar um texto prazeroso no dizer barthesiano (1987).

Palavras-chave: *Desler Lacan*, Ricardo Goldenberg, leitura poética.

ABSTRACT: The Critical review points to a poetic reading of the work *Desler Lacan*, by Ricardo Goldenberg (2019), seeking to highlight the marks of the author's language in the aesthetic configurations of the reading body, pagination, coloring and significant construction of the work; finally, to point out a pleasant text in the Barthesian saying (1987).

Keywords: *Desler Lacan*, Ricardo Goldenberg, poetic reading.

Chistian Dunker (2019) intitula *Retorno a Lacan* a resenha que fez sobre *Desler Lacan*, de Ricardo Goldenberg (2019). Esse retorno já responderia à questão título aqui apontada. Ler *Desler* aponta para muitas das questões que psicanalistas enfrentam com as traduções da fala de Lacan feitas a partir do texto base de Jacques-Alain Miller.

Para além desse ponto, ler a obra de Goldenberg atravessa esse contudístico para chegar à beleza poética da construção assim como nos mostra Roland Barthes (1987) citado muitas vezes pelo autor. Em que e como isso acontece? Antes de mais nada pelo próprio prazer de ler uma obra que nos chega em capa e contracapa de Thiago Pazin amarelas trazendo uma barata em foto de domínio público. Conta a lenda que ainda que inspirem nojo as baratas são consideradas para todo o sempre e em assim sendo elas provocariam o oxímoro de pensarmos em coisas eternas e asquerosas. Será mais uma resposta ao porquê ler a obra? Para evitar a fuga das ideias lacanianas? Para que o torcer narizes pudessem ver Lacan como o novo olhar oswaldiano de ‘o netinho jogou os óculos do avô na latrina’? Estão essas amarelinhas, apontaremos, a conversar com Cortázar, brincando entre os brancos das páginas e os pretos da escritura. Ou o preto da página e o branco da escritura. Já o diz Santaella (2012):

¹ Doutora em Tecnologias da Inteligência e Design e Pós Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC SP, Coordenadora do curso de Letras da Universidade Paulista UNIP.
 Orcid: <http://orcid.org/0000-00002-9302-8023>

Do mesmo modo que, desde o livro ilustrado e as enciclopédias, o código escrito foi historicamente se mesclando aos desenhos, esquemas, diagramas e fotos, o ato de ler foi igualmente expandindo seu escopo para outros tipos de linguagens. Nada mais natural, portanto, que o conceito de leitura acompanhe essa expansão. (SANTAELLA, 2012, p. 11)

Há nessa obra de Ricardo todo um traçado gráfico que conduz o leitor por um sumário visto como planta arquitetônica que empreende dizer ao leitor: aqui verás de um alto plano de engenharia o *Preliminar*, *Liminar*, *Entrada*, *O sujeito*, *E daí*, *A prova pelo ato*, *Bibliografia*. *Exit*. Traçado de engenharia ou de amarelinhas. Preliminares de céu e adeuses de inferno.

Engana-se, porém, aquele que ficar apenas por aqui sem entrar planta adentro. *Preliminar* e *Liminar* são como entradas mesmo de uma casa, ante-entradas (introduções?), pequenos espaços que preparam os convivas. É preciso entrar. E brincar o jogo. Isso implica que talvez se possa entrar por algo que não seja a *Entrada*. O espaço é amplo em *Entrada*, uma grande sala em que muitos temas são abordados: *O fracasso como objeto*, *O gozo mal-entendido*, *Filosofias*, entre outros. Alguns temas colocam-se na obra depois de terem sido palestras ministradas pelo autor. Um delicioso ouvir Goldenberg. Uma leitura de imagens (SANTAELLA, 2012), sem dúvida, caberá ao leitor laciano ou não.

Pela planta sumário, o autor desenha alguns quartos em destaque, distantes da grande *Entrada: O sujeito, E daí?* e *A prova pelo ato*. Este último, uma bela suíte que avança varanda adentro onde se encontra a ampla *Bibliografia*. Nessa varanda espetacularmente grande e aberta talvez tenha o leitor alguma dificuldade já que esse item não é o usual, como em geral não o são as varandas - gourmet. Leitores do *'fino biscoito oswaldiano'* não terão problemas para acessar essas referências. O leitor mais ordinário e comum, sim, precisará afinar o olhar e ampliar buscas. Exatamente um oxímoro (termo muito bem usado algumas vezes pelo autor), se a varanda referencial muitas vezes é um lance externo nesse espaço; no entanto, o que se vê é amplitude, porta de entrada para o externo, mas internamente localizada na obra planta casa. Longe de ser o último espaço, talvez seja o primeiro já que sem essa visão é pouco provável que se desfrute a obra.

Exit, por outro lado, mantém outro oxímoro. Longe de uma saída contém espaços - textos belíssimos como *Blasfêneas*, *Fazendo Gênero* e *Sobre a indiferença (dos analistas) em matéria de política*. Faz reentrar às obras de Lacan com um novo olhar.

Ricardo (2019, p. 31), de fato, construiu o que ele chamou de *'quebra - cabeça'*, remetendo-nos a Cortázar e seu jogo de amarelinhas; aqui fazemos um recorte pela obra também quebra-cabeça de Ivan Ângelo (1976) em que temos várias possibilidades de entrada de leituras ou de saídas literárias como um romance, vários contos, um documentário. Inevitável a comparação a algumas obras da poesia concreta em que o verbivovisual é constructo da leitura como se vê em *Variações Semânticas*, de Haroldo de Campos (DÉPRÉ, 1992, p. 61) em que o poeta monta e desmonta os versos deixando ao *'leitor-operador'* a possibilidade de outras combinações.

Em dizer acima, um delicioso ouvir Goldenberg, ele assim se faz presente em sua oralidade ao leitor. Em várias das passagens arquitetônicas dessa obra-planta-casa é possível acessar o mesmo texto escriturado na voz de Ricardo por meio do QR CODE (QR Reader). Não se trata mais de um idêntico texto já que a entonação oral do autor marca ou não marca importâncias nessa leitura do olhar de leitor. Acessado o código tem-se passagem ao digital de parte da obra publicada no canal do *YouTube*. O comentário acima sobre Cortázar (GOLDBERG, 2019, p. 31) assim se pode ouvir na disponibilidade <https://m.youtube.com/watch?v=9F22ICsuHG&feature=youtu.be>, acesso em 23 mai. 2019. Nesse lugar, ouve-se tão somente a voz do autor; em outros, vê-se também a imagem do autor como na contracapa em que Goldenberg se mostra em um *teaser* completo explicando 'o modo como eu leio Lacan'. (Disponível em

<https://m.youtube.com/watch?feature=youtu.be&v=IV1H33AN1hM>, acesso em 23 mai. 2019). Aqui também o autor justifica o uso do termo ‘Desler’, tomado a empréstimo de Harold Bloom. Bloom (1991, p. 115) comentava “os poetas fortes fazem a história deslendo-se uns aos outros, de maneira a abrir um espaço próprio de fabulação.”

A análise crítica que se faz refere-se à segunda edição da obra. Sem alterações em relação à primeira. Assim, é possível sugerir que a uma terceira edição o autor aproveite mais o recurso digital e remeta o leitor para ouvir canções mencionadas, ver filmes citados, ler outros textos por outras vozes; enfim, desde que permitidos, seriam interdisciplinares diálogos permitidos pelas tecnologias digitais de informação e comunicação.

E o leitor? O leitor de *Desler Lacan*? Dunker (2019) finaliza sua resenha dizendo: “Leitores fortes e leitores fracos, leitores que matam o pai (o texto inspirador) e que o devoram, como argumenta Bloom, são possíveis no tempo histórico e não no tempo estrutural e imóvel da obra.” Diríamos como leitores neste momento justificando que

O texto é um objeto fetiche e esse fetiche me deseja. O texto me escolheu, através de toda uma disposição de telas invisíveis, de chicanas seletivas: o vocabulário, as referências, a legibilidade etc.; e, perdido no meio do texto (não atrás dele ao modo de um deus de maquinaria), há sempre o outro, o autor. Como instituição, o autor está morto [...], mas no texto, de uma certa maneira, eu desejo o autor [...] de sua figura [...] tal como ele tem necessidade da minha. (BARTHES, 1987, p. 38)

REFERÊNCIAS

- ÂNGELO, Ivan. **A festa**. São Paulo: Vertente Editora, 1976.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, [1973] 1987.
- BLOOM, Harold. **A angústia da influência: uma teoria da poesia**. Rio de Janeiro: Imago, [1973] 1991.
- DÉPRÉ, Inés Oseki. **Os melhores poemas de Haroldo de Campos**. São Paulo: Global, 1992. (Seleção).
- DUNKER, Christian. Retorno a Lacan. In: **Folha de São Paulo**. São Paulo, 10 mar. 2019, Caderno Ilustríssima, p. 7.
- GOLDENBERG, Ricardo. **Desler Lacan**. 2. ed. São Paulo: Instituto Langage, 2019.
- SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.